

DN 26.9.69
DN 10.10.67
DN 27.9.66
DN 17.6.56
folho 3.4.61
M 618
FLV, mm-79
RN

DN 26-9-69

Rubem Braga

Cartas Sem Resposta

Um amigo me censura: «A idade parece que endureceu teu coração; você está perdendo a humanidade; com certeza se julga muito importante».

Ele diz isso pela falta de atenção (e, em 99,9 por cento dos casos, de resposta) com que recebo a correspondência de leitores. Sim, o ideal seria ler, tôcia a carta com atenção e responder direitinho pelo menos mandar um cartão acusando recebimento. Sempre tenho um pouco de remorso quando, procurando algum papel em minhas gavetas, esbarro com montes de cartas que não respondi. Não pretendo me defender de uma falta tanto mais grave quanto algumas dessas cartas são verdadeiros apelos de gente a quem inspire confiança à distância e para quem meu silêncio será uma desilusão amarga. Algumas dessas cartas sem resposta pesarão como se fossem chumbo na balança em que se julgar um dia o destino de minha pobre alma. Consolo-me um pouco pensando que esse pecado é dos mais brasileiros que há; se ele tôr realmente grave, podemos prever, para as gentes deste país, o que está contido no verso de Carlos Drummond de Andrade; «tirante dois ou três, o resto vai para o interno».

No meio de muita carta sem interesse, há as que são úteis para o cronista, porque lhe ensinam alguma coisa, ou o estimulam, ou o advertem. E uma ou outra o comove. Se mesmo a carta assim não respondo, não é por falta de vontade, nem, propriamente, de tempo. Acontece que, para quem vive de escrever, isso de abrir a máquina e botar o papel no rôlo já é, em princípio, aborrecido. Já cheira a trabalho, a serviço, a obrigação. Eu por mim chego a ter saudade do tempo em que tinha prazer em escrever cartas e sobretudo da emoção intensa que sentia quando recebia alguma. Na casa em que morei no Campo de São Bento, em Icarai, ficava à janela para ver despontar na esquina o bom carteiro gordo e moroso, e meu coração de quinze anos se oprimia quando êle se aproximava.

Não, amigo, não é verdade que eu me sinta importante; mas como não me sentir velho ao recordar a angústia, o tremor, a alegria daquele estudante de 15 anos?

DN 26.9.69
DN 10.10.67
DN 27.9.66
DN 17.6.56
globo 3.4.61
M 618
FLV, nov. 79
RN

DN 26.9.69

Rubem Braga

Cartas Sem Resposta

Um amigo me censura: «A idade parece que endureceu teu coração; você está perdendo a humanidade; com certeza se julga muito importante».

Ele diz isso pela falta de atenção (e, em 99,9 por cento dos casos, de resposta) com que recebo a correspondência de leitores. Sim, o ideal seria ler, toda a carta com atenção e responder direitinho pelo menos mandar um cartão acusando recebimento. Sempre tenho um pouco de remorso quando, procurando algum papel em minhas gavetas, esbarro com montes de cartas que não respondi. Não pretendo me defender de uma falta tanto mais grave quanto algumas dessas cartas são verdadeiros apelos de gente a quem inspire confiança à distância e para quem meu silêncio será uma desilusão amarga. Algumas dessas cartas sem resposta pesarão como se fossem chumbo na balança em que se julgar um dia o destino de minha pobre alma. Consolo-me um pouco pensando que esse pecado é dos mais brasileiros que há; se ele for realmente grave, podemos prever, para as gentes deste país, o que está contido no verso de Carlos Drummond de Andrade; «tirante dois ou três, o resto vai para o inferno».

No meio de muita carta sem interesse, há as que são úteis para o cronista, porque lhe ensinam alguma coisa, ou o estimulam, ou o advertem. E uma ou outra o comove. Se mesmo a carta assim não respondo, não é por falta de vontade, nem, propriamente, de tempo. Acontece que, para quem vive de escrever, isso de abrir a máquina e botar o papel no rôlo já é, em princípio, aborrecido. Já cheira a trabalho, a serviço, a obrigação. Eu por mim chego a ter saudade do tempo em que tinha prazer em escrever cartas e sobretudo da emoção intensa que sentia quando recebia alguma. Na casa em que morei no Campo de São Bento, em Icarai, ficava à janela para ver despontar na esquina o bom carteiro gordo e moroso, e meu coração de quinze anos se oprimia quando ele se aproximava.

Não, amigo, não é verdade que eu me sinta importante; mas como não me sentir velho ao recordar a angústia, o tremor, a alegria daquele estudante de 15 anos?